

**SONATA PARA UMA FLOR DE JANEIRO:** Érika Suellem Silva

(erika\_sue@hotmail.com)

Achavam-se nela quatro paredes distintas.

Mandava e desmandava em uma guerra que, ora estável, ora o caos, era a única paz que ela então conheceria.

Guerra fria. *Pax Romana*.

E não falemos da paz que a fé ou a esperança podem produzir; antes, lembremos que mesmo esta nos escapa diante de cada verdugo e suas ameaças ou sob a indiferença de certas estrelas.

Fiquemos em silêncio então; num cabisbaixo e longo silêncio que resmunga, sem entender, de quando em quando, como que num suspiro: Como ela pode se achar o pior lugar do mundo?

Fruto de seletos fardos – ora fados. - Ela deve ter ‘construído um país inteiro’ dentro dela. Uma pista única de ecos musicais e de fúria.

Figura em sua solidez o significado de seu nome: “difícil de destruir”. No entanto, apagam-se as luzes, desmontam-se a armação e o trançado de ferro em concreto armado. Todo mundo é meio desse jeito. Não convém culpar as temáticas intimistas dos seus filmes de arte, mas pode-se dizer sim que ela se comportou de maneira hermética. No fim são apenas escolhas. Acho que ela nem sabe o que escolheu.

É o bramir das águas que a atrai. É a frieza asquerosa que a parte ao meio. Metades da metade inexpugnável. Se o mundo acabar, onde ficará o que ela sente?

É...

E sem fôlego penso que tentar descobrir isso talvez fosse como arriscar-me a percorrer o caminho que a chuva faz. Por hora, já me basta a falta de desembaraço, as palavras bobas ou as idéias um tanto afoitas, neste empenho em despertá-la para si mesma.

No entanto, também quero falar do meu cansaço...

Me cansaria menos se ela aceitasse um pouco mais do amor de quem tanto precisa dela também. Me causaria menos aflição se ela entendesse de uma vez por todas que há pessoas que dependem de tudo que ela é.

Aliás, nunca conheci alguém tão especial na essência...Difícil não notar quão agradável é o seu espírito.

‘Culpa: Toda e qualquer violação de um dever jurídico’. Culpemos, pois, as doutrinas maniqueístas. O bem, o mal. Culpemos os anos de abuso e os telefonemas em vão. O que se calou, os subterfúgios sem medida, o que não se aprendeu, quem não se conheceu. Culpemos as tardes de domingo; culpemos os amores não-correspondidos – sua falta de amor próprio. E certamente chegaremos a lugar algum. É dentro dela, entre as paredes, que ela terá de confrontar-se com aquilo que lhe causa maior aversão. Num emaranhado de perdas e danos. Na moderação mais que necessária.

É...

Parece então que a vida se encarregou cuidadosamente de suas antíteses. E curiosamente isso me parece tão engraçado: Ela - mesmo em falas ásperas, não se exaspera; ainda forte, permite-se amortecer ; mesmo que corra, melhor é voar. Riso frouxo; pranto rijo; Odisseu,Ulisses. Partes de um todo absoluto. Nada necessariamente na mesma ordem.

E assim ela segue; um cristal trincado. E com ela guarda as cores de uma áster e a suavidade de uma catléia. Merece todo o cuidado do mundo.

Mas que droga...

O mundo nunca será uma harmonia de proporções. – Que direito é esse que todos supostamente parecem ter nas mãos de tolher os intentos dela? Não é justo que ela se prive do frescor do mar, nem do bater das ondas que tomam nossos artelhos efusivamente; que desequilibram nossas pernas num divertimento atrevido.

Afinal,que mar é esse para poucos?!

Nenhuma lesão será capaz de corroer a brandura que lhe é inerente.

Nenhum complexo vil tem o direito de escondê-la.

Ninguém precisa optar por aceitá-la ou não.

Pobre de quem perdeu o gozo de apreciar suas contradições, de esperar o melhor que ela pode fazer; de insistir, de proteger; de deleitar-se com suas experiências – ou de apenas atentar para suas desventuras.

Ventura minha,eu acho...

Entretanto, às vezes sinto não ter tido tanta sorte assim.

É difícil gostar de quem não sabe receber esse gostar naturalmente; de quem se define como alguém que ‘está’, mas que não ‘é’. De quem afirma que todas as pessoas – todas – vão sempre embora.

Quase sinto uma certa indiferença...

Ela se nega a tentar enxergar que algumas pessoas nunca poderão ir embora se ela mostrar que faz questão de levá-las com ela; É aqui dentro que tudo faz sentido.

Para alguns, agora entendo, é mesmo um sacrifício se desvencilhar de sofrimentos passados. Parece que eles sempre vão estar ali, bloqueando, criando um caos interminável e até mesmo dando algum sentido pra sua sobrevivência. Penso que quando criança ou adolescente, ela não tenha se sentido bem cuidada por estranhos... (leia-se os ‘*não-parentes*’). É...

Hoje em dia é bem complicado apontar quais os verdadeiros estranhos – se os de casa, se os de fora. Com ela ainda me sinto uma estranha.

Seu acidente teve uma dimensão bem maior do que qualquer humano possa tentar calcular. Então eu me condeno por excesso de humanidade, por essa preocupação sem sentido; admito que nada posso fazer. Sim, acho que cansei; ainda que seu encanto seja o mesmo pra mim. Só que percebi que meu cansaço, de alguns meses pra cá, acaba dando um rumo diferente para nossas vidas. E um tom diferente às minhas palavras.

Bom,mas isso não vem ao caso agora...

O que posso dizer é que não há preocupação no mundo, nem amor fraterno suficientemente “bom” para sustentá-la.

Amor demais incomoda, engasga; ela precisa de espaço.

Ainda acredito que nenhum revestimento avelhantado é pior que vestígios de estrago interior; cicatrizes que nascem por falta de boa vontade, por ausência de calor, por ingratidão e violência. E o sol, majestoso, simplesmente nasce para todos.

Mesmo que ela insista nas reticências ou que prefira o caminho mais ermo, ali vai estar o sol. Sol da Justiça. Eu também ainda acredito nisso.

É ela que não acredita que os que estão ao seu redor valem a pena.

É...

Continuamente, dia após dia, ela tem apontado apenas para a própria sombra e esquecido de quem a projetou. Um pedaço do sorriso talvez tenha ficado em uma sala de hospital, mas, sim... Sim, embora sejam as sombras que realcem as pinturas dos quadros, não é correto que ela dependa de tão pouco; ou de quase nada, posto que ela é mais do que qualquer marca.

Tenho observado sua fala. Ainda não consigo entender quando seu 'sim' é 'não' e quando seu 'não' é 'sim', mas me sinto útil ao atender seus pedidos. (Seria a utilidade de todos sinônimo disso que chamam de amizade?).

Confesso que me faltam as respostas, me fogem as palavras para comentar suas idéias – das mais singelas às mais estonteantes - me aperta a garganta quando ela diz que não merece nem um terço de felicidade.

Mas eu confesso, novamente, que cansei...

Cansei de tanta falta de boa vontade dela mesma em tentar se olhar com olhos diferentes. Quem sou eu para mostrar todo o seu significado, se nem seus olhos, tão bonitos, podem provar a ela toda a sua beleza?

Nos cansemos juntas então. Não tem problema, eu acho.

Ela talvez precise gastar todo o desespero pra reunir em si cada pedaço que lhe arrancaram, que ela optou por tirar de si mesma também. Talvez nem imagine que cada um desses pedaços poderia ser repostado se suas cobranças não fossem maior do que o número de vezes que ela se permitiu tentar alguma cura.

Passos curtos, mãos delicadas. Novas e velhas manhãs se revezam. Uma frágil força tão pueril.

Sei que as fotografias não tomarão cor; e ela não vai aceitar sua beleza, viva e melancólica, doce e particular. Se essa beleza acanhada esteve adormecida durante um longo tempo, ainda assim permanece ali, intacta, esperando que, antes de qualquer um, ela enfim possa veementemente acreditar.

Mas, convenhamos, ela não vai acreditar.

Ela não vai acreditar também que sua dor me fecha, me traz impaciência. Sei que ela deve pensar: “pra que se importar tanto? Nada muda”.

Quase nada muda.

Algum dia, entre amigos, quiçá... Longe, com ou sem pressa, em meio a arranha-céus, perto do mar, com suas músicas elegantes... onde quer que seja (eu ainda deposito

uma esperançazinha em qualquer coisa que lhe faça bem), espero que ela entenda por que a vida nunca a beijou.

Não cabe a mim responder tantas coisas. Nem é minha missão tomá-la pelas mãos e à força ajudá-la. Espero que ela me perdoe por tantas tentativas. No fundo, acho que já me perdôou...

Me perdôou por essas linhas, por tantas mais; me perdôou por persistir, por pressionar, por instigar, por perguntar, por precisar tanto que ela procurasse o meu colo, por oferecer tanto o meu abraço. Lá no fundo sei que ela me perdoa por ser visceral; que ela perdoa essa cidade inútil, o rancor das horas, as pessoas vãs.

E ela também consegue perdoar mais seus próprios fracassos, nossas tristes voltas pra casa, as limitadas fugas para o sono... do que eu consigo perdoá-la - por ser absurdamente carente e ao mesmo tempo, tão distante.

Ela definitivamente sabe perdoar.

Eu sei que sim...Se ela sabe perdoar coisas piores de outros estranhos também...

É que Viviane tem o coração de uma estrela.